

Weltliteratur, um conceito transcultural

Eloá Heise*

RESUMO: A presente discussão sobre *Weltliteratur* não se limita ao campo da literatura. Esse conceito, que aparece de forma recorrente em conversas, cartas, resenhas e ensaios da última fase de Goethe, adquire relevância no pensamento do grande clássico alemão ao articular-se como uma idéia que se aproxima do conceito de universalidade, uma manifestação literária que, em uma acepção utópica, deveria preconizar o advento de uma nova etapa da literatura. *Weltliteratur* deveria assumir a tarefa de conduzir a um novo ethos universal, algo que se aproximasse de uma totalidade de caráter moral. Para que se possa rastrear o surgimento dessa idéia no processo conceitual de Goethe, cabe, aqui, não só fazer um levantamento da gênese e da ocorrência da palavra, como também perscrutar as diversas conotações que o termo abrange, bem como relacioná-la a conceitos que nos são contemporâneos.

PALAVRAS-CHAVE: Goethe, *Weltliteratur*, classicismo alemão.

ABSTRACT: The present discussion about *Weltliteratur* is not restricted to the subject “literature”. This concept, which appears recurrently in conversations, letters, reports and essays from Goethe’s last phase, obtains relevance in the thoughts of the great German classic as an idea that comes close to the conception of universality, a literary manifestation that should ideally indicate the upcoming of a new stage of literature. *Weltliteratur* should assume the task of leading towards a new universal ethos, something approximating to a morally defined totality. In order to follow the development of this idea in Goethe’s conception, not only the beginning and the occurrences of this word needs to be analyzed, but also, its various connotations as well as its relations to the concepts that are contemporary to us.

KEYWORDS: Goethe, *Weltliteratur*, German classicism.

* Universidade de São Paulo (USP).

O conceito de *Weltliteratur*, cristalizado pelo velho Goethe, não se limita, como o termo faz supor pela desarticulação da palavra – literatura do mundo –, em propor um tema que se restringe ao campo da literatura. A discussão desse conceito por Goethe, na última etapa de sua vida, pressupõe, isso sim, uma idéia que se aproxima do conceito de universalidade: o advento de uma literatura que deveria conduzir a um novo *ethos* universal, algo que se aproximaria de uma totalidade de caráter moral.

Para que se possa rastrear o surgimento dessa idéia no processo conceitual do velho Goethe, cabe, aqui, não só fazer um levantamento da gênese e da ocorrência da palavra, como também perscrutar as diversas conotações que o termo abrange, bem como relacioná-lo a conceitos que nos são contemporâneos.

A primeira manifestação de Goethe, na qual é mencionado o termo *Weltliteratur*, é de 1827, data em que Goethe proclama, em uma conversa com Eckermann, ter chegado a época de uma literatura universal. A partir de então, o conceito aparece, de forma recorrente, em conversas, cartas, resenhas e ensaios da última fase do grande clássico alemão, apontando para a relevância que tal idéia adquire no pensamento do velho Goethe.

Gênese da palavra

Durante muito tempo, Goethe constou como o criador do termo. Como informa Birus (2004) ao citar Hans-J. Weitz em um ensaio publicado na revista *Arcádia* de 1987, sob o título de “*Weltliteratur* zuerst bei Wieland” [“Literatura universal primeiro em Wieland”], a palavra aparece primeiro em Wieland, como bem indica o próprio título do estudo. O termo teria sido utilizado por Wieland em sua nova versão da tradução das cartas de Horácio.

Wieland, nesse caso, emprega o termo para referir-se à formação cultural ao tempo de Horácio, um requinte próprio do gosto da capital, algo característico da urbanidade, prenhe de conhecimento do mundo e refletido na literatu-

ra que lhe é equivalente: uma literatura desse *grand monde*. Portanto, em Wieland, entende-se por mundo – *Welt* – as marcas culturais da grande *polis*, e, dentro desse contexto, manifesta-se a literatura do *homme du monde* do *Weltmann*.

Em contraposição a esse conceito em Wieland, espacialmente determinado, *Weltliteratur*, em Goethe, é um conceito que abrange toda a humanidade, algo que vai além das fronteiras nacionais. Não há nenhuma bibliografia subsidiária que aponte o conhecimento, por parte de Goethe, do termo empregado por Wieland. Em todo caso, por causa do cunho próprio dado por Goethe à acepção da palavra, pode-se afirmar que Goethe é o criador do conceito.

De acordo com o senso comum

A primeira tendência que se tem ao empregar o conceito é no sentido extensivo, na acepção de “literatura geral”. Sob esse aspecto, o termo é empregado indistintamente em todo o mundo. Esse seria o caso de qualquer publicação no gênero dos dicionários sobre a literatura do mundo. Essas publicações, de abrangência genérica, procuram nomear e caracterizar as várias literaturas do mundo em uma enumeração quantitativa. Nesse mesmo sentido, por exemplo, temos, em bibliografia de língua portuguesa, os vários livros escritos por Otto Maria Carpeaux sobre a história da literatura universal.

A essa expansão quantitativa do termo, pode-se contrapor uma acepção qualitativa, na esteira das idéias próprias do Iluminismo. Numa época em que se preconiza a razão como o bem supremo do indivíduo, a poesia, no sentido de literatura, deve colaborar para enriquecer o conhecimento. Assim, a literatura deveria ser, antes de tudo, *Bildungspoese*, uma poesia de formação. Sob essa acepção a *Weltliteratur* adquire o predicado de obra clássica, obra de valor universal que deve transmitir valores universais como o bom, o belo e o verdadeiro.

Um livro como o de Harold Bloom (1995), *O cânone ocidental*, pressupõe o conceito *Weltliteratur* – mesmo não

diretamente mencionado pelo autor – nos dois sentidos: quantitativo, pois enumera 26 escritores, representantes de diversas literaturas do Ocidente, ao mesmo tempo que os aponta como canônicos; em outras palavras, os qualifica como obrigatórios para a nossa cultura, instituindo-os como clássicos.

Uma outra acepção do termo, bastante divulgada, aparece empregada no âmbito da literatura comparada. Um exemplo do uso da palavra nesse sentido pode ser encontrado na nota explicativa inserida por Luiza Lobo (1987, p.32), em *Teorias poéticas do romantismo*: “Literatura mundial, *Weltliteratur*, *World Literature* é o termo proposto por Goethe para o campo do saber que hoje constitui a Literatura Comparada”. A autora entende, nesse caso, *Weltliteratur* como sinônimo de literatura comparada. Pode-se depreender que Lobo não se refere, aqui, ao método de comparar literaturas, um exercício analítico e interpretativo, um ato lógico formal, empregado no confronto de obras que apresentam algum tipo de relação entre si. Antes de tudo, a aproximação dos dois conceitos parece apontar para o resultado que se obtém a partir da análise comparada e que faz que as obras se insiram no campo da literatura universal, ou seja, deixam transparecer o processo dinâmico de trocas interculturais entre as literaturas. Essa idéia de trocas interculturais é a que mais se aproxima do conceito de *Weltliteratur*, tal como idealizado por Goethe.

A mundialidade de Goethe

Goethe, como personalidade marcante de sua época, é um exemplo típico do autor aberto para a literatura mundial. A vastidão de seu horizonte literário, fora dos moldes tradicionais, abrangia (Birus, 2004) de forma enciclopédica, desde literaturas orientais, passando pela Antigüidade clássica, Idade Média, as literaturas européias contemporâneas, alcançando até o grego moderno, o sérvio, o lituano, e outras literaturas populares.

Em meio a esse largo escopo de interesses, não se pode deixar de mencionar uma de suas atividades complemen-

tares, a de tradutor, que lhe permitia acesso não só às literaturas correntes da Europa: grega, latina, italiana, francesa, espanhola e inglesa, mas também, por um via mediada, aos textos do Velho Testamento, do Alcorão, passando pela poesia árabe clássica e pela Edda.¹

Se, desde jovem, o autor se propunha a estender seus conhecimentos para além da literatura alemã, a partir de 1820, empenha-se em abrir seu mundo rumo ao Oriente e a conhecer obras importantes da literatura chinesa e hindu. A sua produção lírica da maturidade (Boerner, 1964), *Divã oriental-ocidental* (*West-östlicher Divan* -1819), por exemplo, é uma recepção produtiva de poesia lírica persa e chinesa. Já como autor consagrado, Goethe lia e interessava-se pelos jovens talentos de sua época em outros países, como Byron, Walter Scott, Mérimée, Victor Hugo, Manzoni, só para citar alguns dos nomes que aparecem em suas *Conversações com Eckermann*.

Fontes inspiradoras do conceito

O famoso encontro com Herder em Estrasburgo, em 1770 (Rosenfeld, 1992), que dá ensejo a uma reviravolta na concepção artística de Goethe, abre-lhe um novo horizonte que pode ser resumido em dois conceitos: o de gênio original e o de poesia popular, *Volkspoesie*. Em sua obra autobiográfica *Poesia e verdade* (*Dichtung und Wahrheit* – 1811), ao relatar sua experiência com as idéias e tutoria de Herder, Goethe afirma, em relação à poesia popular, que os documentos mais velhos, sob forma de poesia, ofereciam o testemunho de que a criação poética é um dom universal e de todos os povos e não uma herança privativa de alguns poucos homens cultos e refinados. Nessa manifestação, muito anterior à famosa conversa com Eckermann de 1827, o autor já expressa em relação à sua concepção de poesia popular o pressuposto de universalidade que irá servir de base para a idéia de *Weltliteratur* e, de alguma maneira, ecoa a glorificação feita por Herder da poesia popular e natural na *Correspondência sobre Ossian e can-*

¹ Título de duas obras da literatura da Islândia: *Canções de Edda* e a *Antiga Edda*, uma coleção de canções sobre deuses e heróis dos séculos IX a XIII. Tais obras são fontes importantes para a compreensão da poesia e da mitologia germânicas.

ções dos povos antigos (*Briefwechsel über Ossian und die Lieder der alter Völker*):

O senhor ri do meu entusiasmo pelos selvagens, quase tanto quanto Voltaire de Rousseau, a quem tanto teria agradado o andar de quatro: não pense que por isso eu despreze nossas vantagens morais e de decoro. A espécie humana está destinada a um progresso de cenas, de cultura de costumes: ai do homem a quem desagrada a cena em que deverá aparecer, atuar e viver! Mas ai também do filósofo da humanidade e dos costumes para quem a sua cena é a única e que despreza a mais primitiva por considerá-la pior! Uma vez que todas as cenas fazem parte do espetáculo progressivo, em cada uma é demonstrado um lado novo e muito curioso da humanidade. (Herder in Rosenfeld, 1992, p.34-5)

A partir dos conceitos de poesia popular e poesia nacional (*Volks- und Nationalpoesie*), herdados de Herder e dos românticos, Goethe abre-se para um conceito mais abrangente e universal de *Weltpoesie*. Na revista *Sobre Arte e Antiguidade (Über Kunst und Altertum)* (Goethe, 1977), publicada desde 1816 a 1832, o autor discute dois temas centrais, que partem da mesma base generalizante, mas que não devem ser entendidos como sinônimos: *Weltpoesie* e *Weltliteratur*. A preocupação central é distinguir os dois conceitos, para que não sejam confundidos. Assim, *Weltpoesie* deve ser entendida, na esteira das concepções de Herder, como a expressão da poesia de todo ser humano, em todos os tempos, de todos os povos; dons oferecidos pela natureza; essa *Weltpoesie*, por sua vez, manifesta-se, de forma mais pura, na poesia popular (*Volksdichtung*); floresce sem que o homem culto faça algo por ela ou em nome dela. Ela existe simplesmente sem que o povo, por meio de traduções ou menções de obras de outros povos, a conheça. Já a *Weltliteratur*, no sentido de Goethe, só vem à vida se engendrada pelo homem culto. É uma tarefa que precisa ser cumprida, executada. *Weltliteratur* seria o espaço espiritual no qual os povos, por meio da voz de seus poetas, não se vêem apenas a si mesmos, mas falam uns com os outros.

Mesmo que a poesia e a literatura universais – *Weltpoesie* e *Weltliteratur* – não possam ser confundidas uma com a outra, a *Weltpoesie* assumiria um papel importante na capacidade comunicativa da literatura universal. É exatamente por meio da poesia popular, a expressão da peculiaridade nacional de um povo, que os povos se conhecem uns aos outros e aprendem a se entender mutuamente. A *Weltpoesie* é, pois, o objeto mais importante para a transmissão da literatura universal, quando não um de seus componentes essenciais.

Weltliteratur nas Conversações com Eckermann

O conceito de *Weltpoesie* é o primeiro passo para a famosa conversa com Eckermann, datada de 31 de janeiro de 1827, uma das primeiras manifestações claras em que o conceito de *Weltliteratur* é apresentado.

Essa conversa insere-se na obra publicada em 1848, em três volumes, pelo então secretário de Goethe, Johann Peter Eckermann (1791-1854), que integra, com Riemer e Muller, uma equipe de assistentes que irá auxiliá-lo até o final de sua vida. Eckermann publica as conversas, em princípio sob o título de *Conversações com Goethe nos últimos anos de sua vida (Gespräche mit Goethe in den letzten Jahren seines Lebens)*, obra que depois passou a ser conhecida e consagrada pelo título dado pelo editor Brockhaus, e que na recente edição brasileira foi traduzido como *Conversações de Goethe com Eckermann* (Eckermann, 2004), avaliada por um leitor do calibre de Nietzsche como um dos mais significativos textos em prosa de língua alemã.

O ensejo que vai despertar em Goethe a manifestação em favor da *Weltliteratur* foi dado pelo próprio Eckermann que, ao perceber a dedicação de Goethe à leitura de um romance chinês, faz um comentário ingênuo: “Um romance chinês deve ser uma coisa muito estranha”. A resposta do mestre faz que se perceba, na pergunta de Eckermann, a característica que Goethe, em sua fala, vai chamar de “ignorância pedante”, ou seja, a tendência de

certos homens de limitarem seus valores a bens culturais do mundo que os cerca, sem levar em conta o “que se passa em outros países”. Para que sejam levantados os pontos principais que caracterizam a *Weltliteratur*, cabe, aqui, a citação da passagem

Quarta feira, 31 de janeiro de 1827.

[...] Cada vez me parece mais, Goethe continuou, que a poesia é patrimônio comum da humanidade e que todos os lugares e em todos os tempos se manifesta em centenas de pessoas [...] o dom poético não é assim tão raro e não há razão para nos orgulharmos quando compusermos uma poesia boa. Nós, os alemães, se não olharmos para fora do nosso apertado ambiente, caímos facilmente nesta ignorância pedante. É por isso que gosto de me informar do que se passa nos outros países e aconselho a todos a que procedam assim. Literatura nacional não quer hoje dizer coisa muito importante: chegamos ao momento da literatura mundial e todos devemos contribuir para apressar o advento de tal época. Nesta apreciação das coisas estrangeiras não devemos cair na limitação a uma só coisa e considerá-la como modelo depois. Não devemos circunscrever-nos ao chinês ou ao sérvio, a Calderon ou aos Nibelungos: antes, para satisfazermos a nossa necessidade de ter por perto um modelo, recuemos antes até os gregos em cujas obras a beleza humana está bem expressa. Todo o restante deve ser considerado só sob o aspecto histórico e dele tirar-se— somente o que tiver de bom, quando for possível. (Eckermann, 1947, p.161)

Nessa contraposição entre literatura nacional e literatura mundial, é importante que se acentue o caráter utópico que adquire a idéia de *Weltliteratur*, expressa na afirmação de que “chegamos ao momento da literatura mundial e todos devemos *apressar o advento* de tal época”. Para Goethe, literatura mundial é algo que ainda não foi concretizado, um estágio da produção literária da humanidade que ainda estaria por vir. Portanto, essa idéia antecipatória de alternativa para o futuro mostra a visão de sua mente privilegiada que, em oposição ao mundo que é, prenuncia um mundo como ele poderia ser.

Ao definir claramente *Weltliteratur* como “patrimônio comum da humanidade”, Goethe também oferece pistas para que esse ideal se torne real: “é preciso informar-se do que acontece em outros países”, sem limitar nosso gosto ao “apertado ambiente”, voltando sempre a “olhar para fora”. Em outras palavras, é preciso estabelecer um diálogo com o outro. A idéia de uma literatura mundial surge da crença na existência de um constante processo de efeitos recíprocos entre as literaturas nacionais.

Baseado nessa percepção de trocas entre as literaturas é que Todorov (1991) classifica Goethe com o primeiro teórico da interação cultural. Portanto, já no início do século XIX, Goethe oferece material que pode servir de base e de apoio para os recentes debates sobre estudos culturais, além de, com sua idéia de literatura universal, introduzir um conceito que se adapta à discussão da teoria da alteridade.

Toda essa percepção de Goethe ao conclamar para a necessidade de abertura rumo a uma *Weltliteratur* não deixa, contudo, de ter seu lado contraditório. Ao mesmo tempo que valoriza o dom poético como algo que se manifesta em todos os tempos e em todos os povos (*Volkspoesie*), abrindo uma perspectiva de valoração da cultura popular, também acentua a importância dos clássicos como modelos para expressar toda a beleza humana. A percepção vanguardista de Goethe coexiste com a de juízo de valor típico daquele que procura pela classicidade. Aqui se percebe uma das constantes do pensamento de Goethe: como dois grandes fundamentos da literatura européia, o autor sugere a Antiguidade e o Oriente, fontes mais puras da formação humana. Goethe, na sua percepção da literatura universal, aberto a todas as manifestações que ocorrem em outros países e em outros tempos, dá expressão a um dos princípios que regem a humanidade, a idéia de modificação. Paralelamente, em seu conselho de que se recorra à Antiguidade como modelo, busca a unidade, a essência. Assim, essas duas idéias, em princípio opostas, resumem aquilo que agrega a pessoa humana: o perdurável na modificação.

Esse matiz essencial para a conceituação de *Weltliteratur*, o perdurável na modificação, mostra equivalências com o conceito de moderno, discutido por Baudelaire (1988, p.162) no ensaio “O pintor da vida moderna”, no qual afirma: “O belo é constituído por um elemento eterno, invariável, cuja quantidade é excessivamente difícil de determinar, e de um elemento relativo, circunstancial, que será, se quisermos, sucessiva e combinadamente, a época, a moda, a moral, a paixão”. Assim, Baudelaire, em sua concepção dual do belo, ao ver o poeta como “pintor do circunstancial e de tudo o que este sugere de eterno” (ibidem, p.64), ecoa os preceitos de Goethe ao aconselhar que “não devemos cair na limitação a uma só coisa” e “para satisfazermos a nossa necessidade de ter por perto um modelo, recuemos antes até os gregos em cujas obras a beleza humana está bem expressa”.

Discussões do conceito

A busca de Goethe por padrões clássicos e seu interesse por manifestações literárias que lhe eram contemporâneas coexistem no trabalho analítico e especulativo empreendido pelo autor nos vários cadernos de sua revista *Sobre Arte e Antigüidade* (Goethe, 1977). Com ensaios sobre Homero, Eurípides, Shakespeare, Byron, Manzoni, lírica chinesa e poesia popular, Goethe oferece a base ao contexto argumentativo aqui exposto, no sentido de compreender *Weltliteratur* não apenas na acepção quantitativa (abrangendo cada uma das diversas literaturas) ou qualitativa (só as melhores obras), mas também ao enfatizar os efeitos recíprocos entre as literaturas, em outras palavras, um conceito de *Weltliteratur* que se caracteriza por sua dimensão comunicativa entre as literaturas do mundo.

Sua definição de *Weltliteratur* será, mais uma vez, claramente expressa no discurso proferido por ocasião do “Encontro dos Pesquisadores da Natureza em Berlim – 1828” (*Die Zusammenkunft der Naturforscher in Berlin*), no qual se enfatiza a função de intermediação da literatura universal rumo à compreensão entre os povos:

Quando ousamos proclamar uma literatura européia, uma literatura geral universal, isso não quer dizer que as diferentes nações tomem conhecimento uma das outras e de suas produções, pois neste sentido ela já existe há muito tempo, continua e renova-se mais ou menos. Não, aborda-se, aqui, o fato de que as literaturas vivas e ambiciosas conheçam umas as outras e, através de tendências e sentido comum, sintam-se instigadas a repercutir socialmente. Isso é conseguido mais através dos viajantes do que através de correspondência, pois a presença mais pessoal, por si só, tem êxito em determinar e consolidar a verdadeira relação entre os homens. (Goethe, 1977, p.909)

A grande ambição a ser alcançada pelas literaturas que devem constituir a literatura universal é alcançar repercussão social e, pela percepção de tendências e sentidos comuns, agir como fonte de tolerância e entendimento.

Constelação histórica

Em uma introdução à tradução alemã feita por Thomas Carlyle sobre a vida de Schiller (1830), Goethe aponta, de forma mais precisa, para a constelação histórica em que se processa a oportunidade de trocas profícuas entre os povos:

Já há algum tempo fala-se de uma literatura geral universal, e não sem razão: todas as nações sacudidas pelas mais terríveis guerras entre si, e depois de cada uma, reconduzidas para si mesma, precisam perceber que conservaram e assumiram para si alguma coisa estrangeira, até agora necessidades espirituais desconhecidas, sentidas aqui e ali. Disso surge o sentimento de relações vizinhas e, em vez de se fechar, o espírito chega aos poucos à exigência de ser incluído no mais ou menos livre trânsito espiritual do comércio. É bem verdade que esse movimento só dura um curto período, mas, é suficientemente longo, para que já se façam algumas considerações a respeito e que dele, o mais breve possível, como também é preciso fazer no comércio de mercadorias, ganhe-se vantagem e prazer. (Goethe, 1977, p.934-5)

O uso, aqui, de um jargão próprio do âmbito do comércio e de trocas de mercadorias não é mera força de expressão. O caminho que conduz ao conceito de *Weltliteratur* parte do contexto do comércio mundial (*Welthandel*). Conforme explica Hauser (1998), não se pode esquecer de que estamos em uma época em que as cidades da Alemanha Setentrional perdem sua posição de importância para os centros comerciais ingleses e holandeses, e o comércio internacional, em rota de abertura, transfere-se do Mediterrâneo para o oceano Atlântico. Goethe mesmo afirma em uma carta para Carlyle, datada de 8.8.1828, que nessa época, marcada pela facilidade das comunicações, é de esperar que surja uma *Weltliteratur*. O contato e as trocas entre as culturas tornam-se inevitáveis, uma vez que as nações se aproximam por meio de viagens de navios e as idéias se divulgam por meio de publicações das mais diversas revistas.

Goethe, nos últimos anos de sua vida, seguiu, com especial atenção, o surgimento de revistas européias e, especialmente, de jornais literários franceses. Para ele, essas revistas, à medida que atingem um público cada vez maior, contribuem para o estabelecimento de uma literatura mundial. Portanto, o surgimento de uma *Weltliteratur* é preconizado como consequência do internacionalismo do comércio, da velocidade do trânsito, da técnica, dos meios de publicação e, especialmente, pelo advento de revistas.

Prenúncio da cultura de massas

Pensando contemporaneamente, essa concepção de *Weltliteratur*, vista por uma via eminentemente prática de comunicação com o grande público e da qual se deveria extrair “vantagem e prazer”, pareceria, num primeiro instante, aproximar-se do conceito hodierno de globalização. O próprio Goethe, ciente da possibilidade de o conceito de ser percebido como a padronização das diferenças culturais e, como no caso da globalização, a partir da hegemonia da cultura mais rica, menciona em um artigo sobre

a *Edinburgh Reviews*, publicada no VI tomo, segundo caderno da revista *Sobre Arte e Antigüidade*, 1828:

Estas revistas, como alcançam aos poucos um público maior, vão contribuir de maneira efetiva para uma esperada literatura mundial geral; só que nós repetimos: não se trata do fato de que todas as nações devam pensar de forma coincidente, mas elas devem descobrir uma a outra, compreenderem-se, e caso não se apreciem mutuamente, pelo menos aprendam a se tolerar uma a outra. (Goethe, 1977, p.956)

Eis aqui a pregação pelo respeito à diferença, a proposta de tolerância mútua, típica de um Goethe, representante do Iluminismo. O que se propõe é, pois, uma conversa entre nações, a participação espiritual de uns com os outros, uma doação recíproca, um receber, um fomento e uma complementação de ambos os lados.

Essa clara visão pragmática das condições históricas para o advento do conceito de *Weltliteratur* também é expressa no texto do *Manifesto do Partido Comunista* de Marx e Engels, um exemplo irrefutável de que a discussão engendrada por Goethe não perdeu em atualidade:

A burguesia moldou de forma cosmopolita a produção e o consumo através da exploração do mercado mundial [...] E, como no material, assim também no espiritual. Os produtos espirituais de cada uma das nações se transformam em patrimônio comum. As parcialidades e restrições nacionais vão se tornar mais e mais impossíveis e das muitas literaturas nacionais e locais irá se formar uma literatura universal. (apud Birus, 2004, p.13)

Mas a crença e a fascinação pela nova era que facilitaria a comunicação e, por isso, induziria à formação de uma literatura universal não é apenas vista por esse prisma positivo, apesar de Goethe não deixar de crer em seus benefícios. Ciente de que essa generalização poderia conduzir a uma cultura média, Goethe atribui aos mais capazes a tarefa de impedir que a *Weltliteratur* perca a sua função de ponte de compreensão entre os povos. Em manifestação datada de 30 de março de 1830, Goethe afirma:

Se uma tal literatura mundial, que se torna inevitável pela sempre crescente velocidade do comércio, se formar brevemente, não devemos esperar mais e nada além dela do que aquilo que pode realizar e realiza. O vasto mundo, por mais expandido que ele possa ser, será apenas uma pátria ampliada e não nos dará, posto claramente, mais do que o solo pátrio proporciona; o que diz alguma coisa à multidão vai se espalhar sem fronteiras, com já vemos agora, e ser recomendado em todas as zonas e regiões; [...] aqueles, porém, que se dedicaram ao mais elevado e aquilo que é mais frutífero vão se conhecer mais depressa e de maneira mais próxima. Há, em todo lugar do mundo, tais homens que tem relação com a fundação e, a partir daí, com o verdadeiro progresso da humanidade. [...] Os mais sérios precisam, por isso, construir uma igreja silente, quase abafada, uma vez que seria inútil contrapor-se à ampla maré do dia; firmemente, deve-se tentar afirmar sua posição, até que a onda tenha passado. (Goethe, 1977, p.914-15)

Proclama-se, pois, a importância dos poetas fundadores, os representantes qualitativos da *Weltliteratur*, que se dedicam ao mais elevado e ao mais frutífero e que devem tomar posição para propiciar o advento da literatura universal. Goethe acaba, paralelamente, enfatizando as tendências universalizantes que deveriam nortear suas configurações do mundo.

Em suas conversas com Eckermann, em princípio de março de 1832, portanto poucos dias antes de sua morte, o mestre deixa uma espécie de testamento político-poético, onde reafirma a sua crença no bom, no belo e no verdadeiro como única pátria da poesia: uma poesia livre, atemporal e espacialmente indeterminada:

Quando um poeta quer exercer ação política, tem de se filiar num partido, e logo que o faz, está perdido como poeta. Tem de dizer adeus à liberdade do espírito, à imparcialidade de visão e, em vez delas enterrará na cabeça até as orelhas o capuz da intolerância e do ódio cego. O poeta amará como homem e cidadão a pátria, mas a pátria da sua virilidade poética e da sua ação poética é o Bom, o Nobre e

o Belo, coisas que não estão limitadas a uma certa nação ou uma certa província, mas que ele colhe e forma onde quer que as encontre. (Eckermann, 1947, p.318-19)

O jogo dialético entre o nacional e o universal

Essa ênfase naquilo que é eternamente válido e extemporâneo não significa, porém, um abandono do local pelo universal, do individual pelo geral; ao contrário, em uma relação dialética, é a partir do local que se chega ao universal; resgatando o peculiar é que se alcança o geral. A discussão goethiana de unidade na pluralidade, de totalidade na fragmentação (Rosenfeld, 1993) também está na base de sua idéia de literatura universal. Nos comentários sobre o *German Romance*, publicados na revista *Sobre Arte e Atingüidade*, volume VI, segundo caderno, 1828, Goethe afirma:

É preciso conhecer as peculiaridades de cada uma (dessas nações), para que elas as guardem para si, e, exatamente através disso, ter a possibilidade de trânsito entre elas: pois as particularidades de uma nação são como sua língua e as suas moedas, elas facilitam o trânsito, sim, elas é que o tornam totalmente possível. Uma total e verdadeira tolerância é alcançada de forma mais segura quando se deixa o peculiar de cada um dos homens e dos povos e, com essa percepção, conclui-se, entretanto, que, com isso, o mais verdadeiramente meritório se torna notável e este pertence a toda a humanidade. (Goethe, 1977, p.932)

Ao contrário do que possa parecer a uma primeira vista, entender uma manifestação literária como *Weltliteratur* não significa abrir mão de sua especificidade como literatura nacional; significa, antes de tudo, um mergulho no nacional até que se encontre o que há nele de universal. Uma obra da literatura universal precisaria, portanto, ter uma peculiaridade própria. Só assim daria expressão, de forma representativa, ao caráter desse povo. Esse caráter próprio, por sua vez, apresenta-se como uma manifestação especial da humanidade como um todo.

Por meio desse enfoque, percebe-se, de maneira mais clara, a relação que se estabelece entre *Weltpoesie* e *Weltliteratur*. É exatamente o elemento peculiar de cada uma das literaturas que colabora para que ela integre o âmbito da *Weltpoesie* e assumam um papel importante na capacidade comunicativa da literatura universal.

De acordo com esse conceito de Goethe, pode-se entender como *Grande sertão: veredas*, de Guimarães Rosa, alcançou repercussão internacional (Heise, 2000). Esse romance que, durante muito tempo, foi analisado apenas como um nítido representante da literatura regionalista brasileira, é hoje, reconhecidamente, considerado uma manifestação do modernismo mundial. Essa é, por exemplo, a opinião de David Jackson (1996, p.6), da Universidade de Yale, em uma entrevista sobre a recepção de Rosa nos Estados Unidos:

A impressão que tenho é que ele junta várias das principais e melhores tendências do modernismo em geral. Ele tem todo um lado de experimentação lingüística que nós observamos em Joyce e Pound – aquele gosto não só pela palavra, pela etimologia, pela complexidade da própria forma verbal [...] Ele junta a isso, porém algo que em Joyce não encontramos, que é o lado folclórico, primitivista das vanguardas [...] E isso entra realmente por meio do elemento telúrico, da terra, da região dele, das práticas lingüísticas regionais. Guimarães une estas duas grandes tendências modernistas de uma maneira genial e pessoal.

Esse romance de Rosa faz do autor um mestre da modernidade e da classicidade, pela abordagem de uma visão global da existência, na qual se fundem a natureza, o bem e o mal, o divino e o demoníaco, o uno e o múltiplo.

Refletindo no sentido inverso e convergente no que tange ao conceito de *Weltliteratur*, Rosa, em um extenso depoimento sobre literatura, concedido a Günter Lorenz, aponta o espelhamento do universal no nacional ao afirmar que existe entre si e Goethe uma interlocução humanística, pois, segundo Rosa, Goethe “era um sertanejo” que não escrevia para o dia, mas para o infinito.

O conceito *Weltliteratur* não se concretiza, pois, apenas na direção de buscar no nacional o que há de universal, mas também no sentido inverso: em meio ao universal, resgatar o que existe de nacional. Identificar-se com uma cultura estrangeira é reconhecer nela o que há de universalmente humano, como reflexo de algo peculiar a sua própria sua cultura.

Só ao se articular nesse espaço de mão dupla é que a literatura universal poderia preencher sua determinação: fazer que os povos se conheçam uns aos outros em suas peculiaridades, sem que sejam apagadas ou descaracterizadas as diferenças. Assim irão exercer uma complementação mútua e contribuir para a formação geral uns dos outros, por meio de uma doação recíproca. O elemento vital da *Weltliteratur* encontra-se nas transformações pelas quais cada literatura nacional passa em tempos de trocas universais.

Conversa entre as nações

Estabelecer contato com outras nações por meio da presença, de viagens, como Goethe mencionara em seu discurso por ocasião do “Encontro dos Pesquisadores da Natureza”, não seria, porém, a única possibilidade de engendrar uma conversa entre as culturas. A mediação entre culturas e o reconhecimento mútuo também podem ser realizado por meio de traduções:

Os alemães já contribuem há muito tempo para uma tal mediação e reconhecimento recíproco. Quem compreende e estuda a língua alemã encontra-se no mercado, onde todas as nações oferecem suas mercadorias e ele atua como intérprete, na medida em que se enriquece. Assim é que deve ser visto todo tradutor, aquele que se esforça como mediador desse comércio geral e espiritual e que faz negócio ao fomentar a troca mútua. Apesar de tudo aquilo que se possa dizer da insuficiência da tradução, ela é e permanece, sim, um dos mais importantes e dignos negócios no trânsito geral do mundo (*Weltverkehr*). O alcorão diz: “Deus deu a cada povo um profeta em sua própria língua”. Assim

todo tradutor é um profeta ao seu povo. (Goethe, 1977, p.932-3)

A tradução, apresentada como uma forma prática de estabelecer o trânsito de idéias numa época profícua no campo da atividade tradutória, é um sinal manifesto de um período de tendências cosmopolitas. Mas o papel da tradução não se resume apenas a divulgar, por meio da transcrição para a cultura de chegada, uma obra significativa da cultura de saída. Nesse diálogo que se estabelece entre os dois mundos, assume importância vital o mecanismo da recepção. Em sua introdução para *A vida de Schiller (Leben Schillers)* de Thomas Carlyle, 1830, Goethe afirma:

A obra escrita em memória de Schiller pode, traduzida, trazer pouca coisa nova para nós: o autor tirou seus conhecimentos de escritos que já são há muito conhecidos por nós [...]. Mas o que deve ser altamente satisfatório para reverenciar Schiller e cada um dos alemães, como se pode dizer ousadamente, é compreender de forma imediata como um homem sensível, aplicado e sagaz pode, em seus melhores anos, do outro lado do mar, ser tocado, comovido e provocado pelas produções de Schiller e assim ser estimulado a outros estudos da literatura alemã. (Goethe, 1977, p.935)

O efeito principal do estudo de uma cultura estrangeira reside, portanto, no fato de se descobrir nela alguma coisa que nos diz respeito e está relacionada conosco: “compreender como um homem sensível pode [...] ser tocado, comovido e provocado pelas produções de Schiller”. Abrir-se para uma outra cultura estrangeira, é, nesse nexo, não se entregar, mas, em última instância, receber. Falando em outros termos: a vivência e a convivência com uma cultura estrangeira tornam-me mais cômico de minha própria identidade ao mesmo tempo que serve de força motriz para essa minha identidade, colocando-a em movimento. Citando a conclusão de Todorov (1991, p.16): “As coisas não são universais, mas os conceitos podem ser; a gente não deve simplesmente confundir os dois, assim o caminho da significação compartilhada pode permanecer aberto”. Em

outras palavras, o universal interage com o nacional, torna o nacional mais atuante, fazendo, por sua vez, que o nacional se abra rumo ao universal.

Sociedade como um todo

Em oposição ao ódio nacional e ao nacionalismo exacerbado que passou a vigorar em sua época por causa da ocupação napoleônica, Goethe sonhava com o ideal de uma cultura cosmopolita, baseada em uma nova ética, que só encontra sentido na cultura da sociedade como um todo. Em consonância com essa visão cosmopolita e de compreensão mútua é quase lógico que se desenvolva uma idéia supranacional e social de arte: a *Weltliteratur*. Note-se, contudo, que esse conceito de Goethe não surge desvinculado de seu tempo e do espírito de sua época, de seu *Zeitgeist*. Como afirma o próprio autor em conversa com Eckermann (1947, p.306-7) datada de 1º de abril de 1831:

[...] ninguém em arte, se faz por si próprio. Como se o homem devesse a si próprio outra coisa que não fosse a estudez! Mesmo se o artista não teve mestre célebre, pelo menos se beneficiou do contato com mestres excelentes de cujos ensinamentos [...] formou sua personalidade artística.

A idéia de uma literatura universal está subjacente na cosmovisão, na *Weltanschauung*, do Iluminismo. Conforme explica Rosenfeld (1992), o individualismo que se manifesta na Ilustração baseia-se na primazia da razão, substrato comum a todos os homens. Por mais que os indivíduos sejam diferentes entre si por causa de suas culturas, de seus lugares de origem, eles permanecem essencialmente iguais por serem todos dotados de razão, o fundamento da dignidade humana. A partir desses pressupostos é fácil entender o diálogo europeu que se estabelece entre as nações civilizadas do continente a partir da segunda metade do século XVIII (Hauser, 1998). A literatura de expoentes do Iluminismo como Voltaire, Diderot, Locke, Rousseau ou Lessing é a expressão de uma comunidade européia, a con-

sonância dialógica de várias vozes, portanto, *Weltliteratur* no sentido mais estrito da palavra.

Goethe, na busca por uma troca espiritual, quase que prevê o espaço intercultural que poderia se constituir na Europa. Hoje, dentro do conceito de Mercado Comum Europeu (Borchmeyer, 2004) já temos, no âmbito econômico, praticamente a abolição das fronteiras e dos limites entre as nações. A moeda comum, o euro, poderia ser encarada como um primeiro passo para uma unidade política e espiritual nessa procura utópica pela solidariedade universal.

Em sua conversa com Eckermann de 14 de março de 1830, Goethe faz menção de um estado ideal da cultura, sem ódios, em que os homens estivessem além das fronteiras e sentissem as dores e as desgraças das nações vizinhas, como se fossem a suas próprias.

Um exemplo palpável dessa comunidade baseada na solidariedade universal é delineado pelo autor no último monólogo do Fausto, no *Faust II* (Sudau, 1993), quando todos os homens reunidos pretendem construir um dique. Este é o último recado que Goethe deixa ao mundo pouco tempo antes de sua morte:

Do pé da serra forma um brejo o marco,
Toda a área conquistada infecta;
Drenar o apodrecido charco,
Seria isso a obra máxima, completa.
Espaço abro a milhões – lá a massa humana viva,
Se não segura, ao menos livre e ativa.
Fértil o campo verde; homens rebanhos,
Povoando, prósperos, os sítios ganhos,
Sob a colina que os sombreia e ampara,
Que a multidão ativa-intrépida amontoara.
Paradisiáco agro, ao centro e ao pé:
Lá fora brame, então, até à beira a maré.
E, se para invadi-la à força, lambe a terra,
Comum esforço acode e a brecha aberta cerra.
Sim! da razão isto é a suprema luz,
A esse sentido, enfim me entrego, ardente:

À liberdade e à vida só faz jus,
Quem tem que conquistá-las diariamente.
E assim, passam em luta e em destemor,
Criança, adulto e ancião seus anos de labor.
Quisera eu ver tal povoamento novo,
Em solo livre ver-me em meio a um livre povo.
Sim, ao Momento então diria:
Oh! Pára enfim – és tão formoso! (Goethe, 1991, p.435-6)

A idéia utópica e quase paradisíaca de que os homens juntos, em um “esforço comum”, poderiam conquistar um “solo livre” para se tornarem “um livre povo”, quase merece de Fausto, no fim de sua vida, a manifestação de plenitude, ao pedir que o tempo pare (“Oh! Pára enfim – és tão formoso!”). Com isso ele teria pronunciado as palavras centrais da aposta com Mefisto e, assim, entregue sua alma ao diabo. Mas a idéia de satisfação plena ainda é expressa sob forma de desejo: “Quisera eu ver tal povoamento novo, / Em solo livre ver-me em meio a um livre povo. / Sim, ao Momento então diria”. A formulação da utopia é, porém, expressa de maneira hipotética (que se atente para as formas verbais *quisera* e *diria*). No fim do *Fausto*, apesar de toda a procura, as condições que poderiam desvendar a essência e dar sentido à vida, precisam ser “conquistadas diariamente”. Reafirma-se, aqui, a suprema sabedoria reservada ao âmbito terrestre: criação é ação e a vida é uma ação contínua.

A solidariedade universal, que se busca, expressa sob forma de utopia, poderia ser resumida na carta XXIV de *A educação estética do homem*, de Schiller (1990). Segundo esse outro representante do classicismo alemão, o homem só se torna humano, no sentido de representar a espécie, quando, indo além do estado estético, alcança o estado moral. É com essa etapa do estado evolutivo do homem que Goethe sonha ao preconizar uma *Weltliteratur*.

Weltliteratur não equivaleria, portanto, ao que se percebe hoje como globalização, quando estamos sujeitos às regras do mercado; nossas especificidades são niveladas para se pautarem pela força motriz do desempenho e do

ganho. O novo *ethos* universal, pressuposto no conceito de Goethe, corresponderia, antes, a uma idéia de universalização, o reconhecimento de uma cultura plural que preconiza a união e o contato entre povos no sentido de troca recíproca de bens culturais que, em última instância, levariam a um melhor conhecimento de cada um desses povos. Um novo conhecimento do outro leva a um novo conhecimento de mim mesmo, potenciando esse movimento rumo ao infinito. Nesse sentido, a universalidade, a utopia, esboça-se não como fato consumado, mas sob forma de projeto. *Weltliteratur* articula-se, pois, como um projeto em eterno devir. Volta-se à concepção emblemática expressa no *Fausto* que resume a única verdade destinada ao homem em seu mundo da imanência: a criação é ação e a vida é uma ação contínua.

Referências

- BAUDELAIRE, Charles. O pintor da vida moderna. In: BAUDELAIRE, Charles; TEIXEIRA, Coelho. *A modernidade de Baudelaire*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- BIRUS, Hendrik. Goethes Idee der Weltliteratur. Eine historische Vergegenwärtigung (19.1.2004). In: *Goethezeitportal*. URL. (Disponível em: <<http://www.goethezeitportal.de/db/wiss/goethe/birus-weltliteratur>>. Acesso em 4.10.2004).
- BLOOM, Harold. *O cânone ocidental*. Trad. Marcos Santarrita. Rio de Janeiro: Objetiva, 1995.
- BOERNER, Peter. *Johann Wolfgang von Goethe in Selbstzeugnissen und Bilddokumenten*. Reinbek bei Hamburg: Rowohlt, 1964.
- BORCHMEYER, Dieter. Welthandel – Weltfrömmigkeit – Weltliteratur. Goethes Alters Futurismus (24.4.2004). In: *Goethezeitportal*. URL. (Disponível em: <<http://www.goethezeitportal.de/db/wiss/goethe/borchmeyer-weltliteratur>>. Acesso em 4.10.2004).
- ECKERMANN, Johann Peter. *Conversações de Goethe com Eckermann*. Trad. Luís Silveira. Porto: Livraria Tavares Miranda, 1947.
- _____. *Conversações com Goethe*. Belo Horizonte: Itatiaia, 2004. (Grande Obras da Cultura Universal, v.25)
- GOETHE, Johann Wolfgang von. *Fausto*. Trad. Jenny Klabin Segall. Belo Horizonte; Rio de Janeiro: Villa Rica Editoras, 1991.

- GOETHE, Johann Wolfgang von. *Sämtliche Werke*. Band 14. Schriften zur Literatur. München: Artemis; Verlags-AG, 1977.
- HAUSER, Arnold. *História social da arte e da literatura*. Trad. Álvaro Cabral. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- HEISE, Eloá. Goethe, um teórico da transnacionalidade. *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, Rio de Janeiro, n.2, p.77-84, 2000.
- JACKSON, David. Entrevista. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 30 de junho de 1996, Jornal de Resenhas, p.6.
- LOBO, Luíza. *Teorias poéticas do romantismo*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1987. (Série Novas perspectivas, 20)
- ROSENFELD, Anatol. *Autores pré-românticos alemães*. São Paulo: EPU, 1992.
- _____. Unidade e multiplicidade. In: _____. *Texto e contexto II*. São Paulo: Edusp, 1993. p.259-66.
- SCHILLER, Friedrich. *A educação estética do homem*. Trad. Roberto Schwarz e Marcio Suzuki. São Paulo: Iluminuras, 1990.
- SUDAU, Ralf. *Johann W. Goethe. Faust I und Faust II*. München: Oldenbourg Verlag, 1993.
- TODOROV, Tzvetan. *The Morals of History*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1991.